



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

**AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA E SUA
PERSPECTIVA DE FUTURO**

Ilhéus, Bahia

2020



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

ERISLANE VIDAL OLIVEIRA RAMOS

**AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA E SUA
PERSPECTIVA DE FUTURO**

Monografia (Artigo científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

Ilhéus, Bahia

2020

**AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA E SUA
PERSPECTIVA DE FUTURO**

ERISLANE VIDAL OLIVEIRA RAMOS

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Wallace Lima Habib Bomfim – Mestre
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Orientador)**

**Prof. Sara Tannus Vieira– Mestranda
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Avaliador I)**

**Prof. Ruana Santos da Silva – Especialista
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador II)**

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação, ao meu pai **Erisvaldo de Oliveira Ramos**, e minha mãe **Leila Vidal Santos**, por serem essenciais na minha vida e por me incentivar a ser uma pessoa melhor e não desistir dos meus sonhos. Ao meu esposo **Gean Francesco Andrade** pela compreensão e apoio nos dias dedicado aos estudos. A toda minha família e também aos meus grandes amigos da faculdade, que permitiram que essa caminhada fosse mais alegre.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer o meu professor orientador **Wallace Lima Habib Bomfim**, pelo empenho, apoio e paciência dedicado ao meu projeto de pesquisa e a todos os professores, por todo os conselhos e ajuda durante os meus estudos e elaboração do meu trabalho de conclusão de curso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA	6
3 PERSPECTIVAS DE FUTURO NA ADOLESCÊNCIA	9
3.1 CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DA CONDUTA AUTOLESIVA NA ADOLESCÊNCIA.....	12
3.2 FATORES ASSOCIADOS À CONDUTA AUTOLESIVA NA ADOLESCÊNCIA	14
3.3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA NAS CONDUTAS AUTOLESIVAS	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFÊRENCIA	19

AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA E SUA PERSPECTIVA DE FUTURO

NON-SUICIDE SELF-HOLINESS IN ADOLESCENCE AND ITS FUTURE PERSPECTIVE

Erislane Vidal Oliveira Ramos¹; Wallace Lima Habib Bomfim²

¹ Graduanda em Psicologia. Discente do Centro de Ensino Superior de Ilhéus – Faculdade de Ilhéus. E-mail: erisllany@gmail.com

² Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2017). Especialização em Psicologia Social pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP (2013). Especialização em Gestão de Saúde Pública com Ênfase em Sanitarismo pela IUNI Educacional Unime Itabuna – IUNI- UNIME (2011). Graduado em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC (2010). Docente da Faculdade de Ilhéus – CESUPI. E-mail: psi.habib@gmail.com

RESUMO

A autolesão não suicida é um comportamento repetido do indivíduo de infligir lesões superficiais, embora dolorosas, à superfície do seu corpo, pode ser efetivada através de uso intencional de força física ou ameaça contra si próprio. Este trabalho apresenta uma análise acerca do comportamento autolesivo não suicida dentro da adolescência, explorando as pistas que indicam essa situação aversiva para a maioria das pessoas. Podemos dizer que o eixo norteador dessa pesquisa tem como objetivo se debruçar sobre a problemática de como as perspectivas de futuro, bem como suas frustrações, interferem na autolesão com intenção não suicida do adolescente. Sabemos que a adolescência é um período de transição entre a infância e adultez, marcado por uma fase continuamente impulsiva e de constante instabilidade. Assim, esse desequilíbrio comportamental pode ser recorrente, e diretamente influenciado pelas expectativas culturais e sociais do contexto que o indivíduo pertence. Considerando os aspectos metodológicos deste artigo científico foi utilizado um estudo por meio de pesquisa exploratória, onde foram usadas as técnicas de coletas de dados qualitativas. Os critérios de busca utilizados foram desenvolvidos a partir de pesquisas bibliográficas com base de dados do Google Acadêmico, biblioteca virtual, biblioteca presencial (Faculdade de Ilhéus), livros, artigos, revistas, teses, dissertações e relatos de experiência. Concluímos que a conduta autolesiva na adolescência deve ser sensível aos olhares de profissionais, como psicólogos que permitem uma orientação adequada para as situações do comportamento autolesivo e de disfunção que leva a cometer esse ato, devido à sua acessibilidade e capacidade de articulação como outros recursos.

Palavras-chave: Adolescente; Fator de risco; Autolesão não suicida; Desesperança;

ABSTRACT

Non-suicidal self-harm is a repeated behavior by an individual to inflict superficial, although painful, injuries to the surface of his or her body. It can be carried out through the intentional use of physical force or threat against oneself. This work presents an analysis of non-suicidal self-injurious behavior and explores the clues that indicate this aversive behavior among adolescents. The focus of this research is on the problematic nature of self-injury with non-suicidal intentions towards the future of adolescent individuals. We know that adolescence is a period of transition between childhood and adulthood, marked by a phase of continuous impulsivity and constant instability. Thus, this behavioral imbalance can be recurrent, and directly influenced by the cultural and social expectations of the context to which the individual belongs. Considering the methodological aspects of this scientific article, the study was completed by means of exploratory research, where the techniques of qualitative data collections are used. The search criteria used were developed from bibliographic searches based on the Google Scholar database, virtual library, classroom library (Faculdade de Ilhéus), books, articles, magazines, theses, dissertations and experience reports. We conclude that self-injurious behavior in adolescence must be sensitive to the views of professionals, such as psychologists who allow adequate guidance for situations of self-injurious behavior and dysfunction that leads to committing this act, due to its accessibility and ability to articulate as other resources.

Keywords: Adolescent; Risk factor; Non-suicidal self-injury; Hopelessness;

1 INTRODUÇÃO

Visando a perspectiva de futuro os adolescentes colocam expectativas sem devir, levando à frustração e insatisfação, acarretando maiores prejuízos que levam a cometer a autolesão sem intenção suicida. Esse comportamento é apresentado por emoções negativas, tais como angústia, ansiedade, inquietação, aflição e autocensura ou até mesmo na tentativa de resolver uma dificuldade pessoal frustrada. A conduta autolesiva apresenta crescente evidência no campo científico nos últimos tempos, encontrando sua maior prevalência em adolescentes (ROCHA, 2015).

Na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais “a autolesão não suicida é definida como comportamento repetido do próprio indivíduo de infligir lesões superficiais, embora dolorosas, à superfície do seu corpo” (APA, 2014). A Organização Mundial de Saúde (OMS) inclui a autolesão no contexto da violência auto infligida, correspondendo ao uso intencional de força física real ou de ameaça contra si próprio (OMS, 2014).

Os contextos nos quais o adolescente está inserido podem tanto potencializar esse comportamento, como auxiliar na identificação do problema em si. “Os fatores comumente relacionados ao comportamento se dividem em fatores demográficos, sociais e familiares, desordens psiquiátricas, características psicológicas, aspectos neurobiológicos e genéticos e situacionais” (SILVA; BOTTI, 2017.p.12). Um ambiente ou sistema mal elaborado estabelece fatores que são associados a autolesão e dispõe de uma considerável atenção, principalmente por se tratar de características da fase influente do comportamento na adolescência (GARRETO, 2011).

A presente linha de pesquisa se debruça sobre a problemática de como as perspectivas de futuro interferem na autolesão não suicida no período da adolescência. A adolescência é continuamente caracterizada por impulsos e pelos objetivos traçados pelas expectativas culturais da sociedade no qual ele está inserido. O ambiente no qual o adolescente está inserido pode potencializar o comportamento para mudanças positivas, como também potencializar para as mudanças negativas e desequilíbrio.

Dessa forma, a adolescência apresenta-se marcada pelas mudanças que surgem no decorrer de seu desenvolvimento, construção social, transformações

físicas e psicológicas. O período da puberdade envolve nesse sujeito descobertas, anseios, escolhas e desafios. Nesse período tange metas e objetivos futuros para um propósito de vida, planejando a busca por crescimento, independência e conquista de sua autonomia para assim, ter seu papel na sociedade.

A OMS lançou em 2016 “Manual de Boas Práticas para estabelecer e manter sistemas de vigilância para tentativas de suicídio e autolesão”. Considera-se que o monitoramento da autolesão ajuda a identificar aspectos de comportamentos, sinais e sintomas que são relevantes para a prevenção do suicídio e para tratamentos alternativos (OMS, 2016).

Considerando os aspectos metodológicos deste artigo científico foi utilizado enquanto base de classificação a nomenclatura Gil (2008). O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória, onde foram usadas as técnicas de coletas de dados qualitativas. Os critérios de busca utilizados foram desenvolvidos a partir de pesquisas bibliográficas com base de dados do Google Acadêmico, biblioteca virtual, biblioteca presencial (Faculdade de Ilhéus), livros, artigos, revistas, teses, dissertações e relatos de experiência.

A preocupação dada com a grande quantidade de adolescentes que se auto lesionam chegando a ser uma questão de nível mundial. O comportamento dos adolescentes frente à autolesão tem aumentado progressivamente a cada dia, tornado um ritual cada vez mais frequente entre esses jovens. A autolesão representa qualquer comportamento intencional envolvendo agressão direta ao corpo, sem intenção consciente de suicídio (GIUSTI, 2013).

Assim delineou-se nesta pesquisa o seguinte objetivo: verificar como as perspectivas de futuro contribuem para ocorrência da autolesão sem intenção suicida na adolescência. Traçou-se os seguintes objetivos discutir a autolesão sem intenção suicida na adolescência, identificar as perspectivas de futuro que interferem na conjuntura social contemporânea e associar as perspectivas de futuro com a formação de sintomas de desesperança e autolesão na adolescência.

2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência se desenvolve ao logo do seu processo de maturação, uma construção social que é relacionada atualmente com o conjunto de experiências entre

o período da infância e da adultez, onde envolve uma série de transformações biopsicossociais, que diverge pelo ambiente e contexto sociocultural que o indivíduo se coloca (OLIVEIRA; PINTO; SOUZA, 2003).

Muitos são as terminologias utilizadas para fazer referência a fase da adolescência, podendo ser definida como juventude, mocidade ou puberdade (SILVA; SIQUEIRA, 2017). A adolescência no Brasil, segundo a lei nº: 8.069/1990 põe em vigência o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA "Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade" (BRASIL, 2019). De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos e pela Organização das Nações Unidas - ONU entre 15 e 24 anos. (EISENSTEIN, 2005).

A adolescência não se trata apenas de uma idade cronológica, é também o período da vida onde o indivíduo se encontra entre a fase da infância e a fase da vida adulta, sendo assim, um período de transição, no qual a criança passa por uma modificação física, mental e emocionalmente (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

É notório que exista uma delimitação quanto a diferença de idade para distinguir a faixa etária na adolescência, mas podemos ressaltar a concordância no momento que diz respeito ao processo enquanto parte do desenvolvimento humano (CHAVES, 2018). No começo da adolescência percebemos as mudanças corporais que anunciam puberdade e é acabada quando o indivíduo estabelece seu crescimento, sua personalidade, sua independência econômica e sua integração social (OLIVEIRA, 2018).

A vivência da adolescência envolve o sujeito em descobertas, anseios, escolhas e desafios, e têm como consequência marcante sua reestruturação psíquica, bem como a mudança de seu papel na sociedade, é um período de moratória psicossocial (GRIFFA; MORENO, 2015). Com o conceito de moratória psicossocial segundo Erikson uma fase especial no processo de desenvolvimento do indivíduo, onde acentua-se a necessidade de um tempo de reflexão para integrar os elementos e estabelecer a identidade própria e as confusões de papéis no qual delimita os compromissos que levam à vida adulta, vive-se uma crise de identidade, mas procura alcançar um objetivo (ERIKSON, 1987).

A fase da adolescência pode ser vista como um período de vulnerabilidade, sendo que na mesma proporção em que há potencialidade de mudanças, há também potencialidade para desequilíbrio, podendo essa transição ser vivenciada de forma saudável ou patológica, sendo isso definido pela maneira em que o adolescente enfrentará as novas situações e o seu suporte social (JORGE; QUEIRÓS; SARAIVA, 2015).

Segundo Sifuentes, Dessen e Oliveira (2007) acordam que as transformações e os prosseguimentos que a adolescente experiência no seu processo de desenvolvimento é associada com mudanças físicas e mudanças cognitivas relacionada com às modificações que ocorrem na sociedade que está inserido. “As interações sociais levam a pessoa ao constante organizar-se e reorganizar-se, de modo a reestruturar suas relações com o mundo, o que abre novas possibilidades para o curso do seu desenvolvimento” (SIFUENTES; DESSEN; OLIVEIRA, 2007.p.12).

Destaca-se que a adolescência é vista como uma fase difícil não apenas pelos adultos, mas também pelos próprios adolescentes, entretanto essa fase do desenvolvimento não deve ser vista ou reduzida a uma fase de emergência de dificuldades e conflitos nas relações já que a adolescência também pode ser vivenciada com um período de aproximação maior entre pais e filhos, troca de experiências e não necessariamente como uma fase de turbulência e crise (LIPP *apud* OLIVEIRA , 2018. p.5).

No mesmo período em que os adolescentes estão em busca da própria identidade faz distinção das pessoas que convivem, apresentando “comportamento tribal” se juntando com pessoas com mesmos gostos e comportamentos (CRESTANI, 2016).

Ao longo do tempo, a fase da adolescência foi conhecida como uma fase de Prosseguimento natural, possuindo particularidades universal e abstrata, Aguiar, Bock e Ozella (2011) salientam a importância da contribuição de diversas abordagens, ressaltando as mudanças históricas e as diferentes perspectivas em psicologia sobre a adolescência. Para a Psicologia Sócio-Histórica “A adolescência não é um período natural do desenvolvimento, é um momento significado, interpretado e construído pelos homens enquanto fenômeno social” (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2011.p.22).

No olhar da psicologia Sócio-Histórica, constate-se que o indivíduo é representado pelas vivências e pela sua construção social. Fonseca e Ozella (2010) diz “O adolescente é afetado pelo mundo e vivência essa experiência com muitas

possibilidades de sentidos, construindo seu mundo psicológico ao mesmo tempo em que interfere no mundo, pela atividade e mediação da linguagem”.

Alves e Cassim (2017) “A cultura tem aparecido como um “molde” da expressão de uma adolescência naturalizada pela pressão recebida no contexto de desenvolvimento atual ocidentalizado e globalizado”. Na contemporaneidade os adolescentes têm sido cada vez mais definidos por suas características sociais e econômicas e cada vez menos por sua aparência ou pelo seu funcionamento físico e hormonal (BARONCELLI, 2012).

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico. Essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2011. p.6).

As necessidades sociais, constituída a partir de uma sociedade capitalista está intimamente conectada as dificuldades, os desafios e o tempo para ingressar no mundo do trabalho enfatizando a natureza psicossocial da adolescência, ou seja, a adolescência é caracterizada pelo modo como a sociedade a representa e marcada em especial, pelo preparo do jovem para o ingresso no mercado de trabalho desde a infância (BOCK, 2007). A orientação profissional na abordagem Sócio-Histórica é como: “... um conjunto de intervenções que visam à apropriação dos chamados determinantes da escolha. Estes determinantes é que levam à compreensão das decisões a serem tomadas e possibilitam a elaboração de projetos...” (BOOK, 200. p. 70).

A orientação profissional sócio histórica visa trabalhar os aspectos internos e externos envolvidos na escolha, considerando uma sociedade em constante transformação, em que as profissões mudam de características e surgem constantemente novas especializações (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2011).

3 PERSPECTIVAS DE FUTURO NA ADOLESCÊNCIA

Segundo Silva (2016) “Perspectivas, aspirações, expectativas, projetos de futuro ou projetos de vida são diversos conceitos que vêm sendo utilizados, seja na vida cotidiana ou nos meios científicos, como referência à ideia de planejar ou ver algo realizado no futuro”.

Já o termo perspectiva indica:

O modo através do qual alguma coisa é representada ou vista; modo de representar figuras tridimensionais que causa a ilusão da espessura, da dimensão, do aspecto e da profundidade dessas figuras [...] Ponto de vista; modo como se concebe ou se analisa uma situação específica; panorama; tudo o que se consegue ver ao longe; aquilo que os olhos alcançam desde um certo lugar (FERREIRA, 2019. p.11).

Zappe et al. (2013) menciona que a idealização de expectativas referente ao futuro tem sido conceituada como um importante fator de proteção ao desenvolvimento saudável na adolescência, pois pensar sobre o futuro motiva o comportamento cotidiano e influencia as escolhas, decisões e atividades que afetarão a realização futura. Por perspectiva de futuro podemos entender, ainda, como a antecipação subjetiva de propostas, intenções e metas futuras, que são despertadas e desencadeadas a partir do espaço e tempo de vida presentes, e que possibilitam ao indivíduo pensar sobre si em outra dimensão temporal (OLIVEIRA; SALDANHA, 2010). Interferem nessas escolhas, especialmente, em adolescentes estudantes, fatores comportamentais tais como expectativas e motivos, que por sua vez estão relacionadas a fatores ambientais (SILVA, 2016).

A adolescência é uma construção social que nos dias atuais é considerada como a relação do período de experiências entre a infância e a idade adulta. A fase da adolescência é conhecida como um dos períodos mais significativo do desenvolvimento humano no que tange à construção de metas e objetivos futuros para um projeto de vida. “Autores como Levisky (1995), Quapper (2001) e Lopes de Oliveira (2004) ressaltam que, na contemporaneidade, a conquista de um lugar no mundo social adulto depende de processos de crescente complexidade, tornando a fase de adolescência mais prolongada e, ao que parece, mais penosa” (OLIVEIRA; PINTO; SOUZA, 2003.p.18).

O adolescente realiza-se pela busca incessante de sua autonomia e com relação ao futuro dispõe de uma incerteza. Enquanto o presente é um objeto de contínuo e de indecisão (BARBOSA; SOUZA, 2015). Nesse período, o adolescente vive acerca da reflexão do que pode vir a ser, buscando integrar suas experiências passadas, desenvolvendo a consciência de ser autor de seu próprio destino (CARVALHO, 2012).

Considerando a expectativa do seu próprio destino e futuro o adolescente é integrado no espaço de vida, sendo impulsionados para os processos por meio das interferências da sociedade e expectativas dos familiares, logo o adolescente é submetido às ações das agências socializadoras que os preparam para atingirem a razão e a maturidade (LIESBESNY, 2008). Na contemporaneidade, o adolescente é ensinado a se socializar para se integrar e se adaptar na sociedade. “Esse processo de socialização implica numa educação, com metas a longo prazo. Ao final do mesmo, o adolescente deve chegar ao autocontrole, à autonomia e à independência, características atribuídas ao adulto” (SALLES, 2005.p.25).

Segundo Bock e Liebesny (2007) “Por expectativas em relação ao futuro compreende-se aquilo que os adolescentes percebem em relação a suas chances futuras, especialmente o lugar do trabalho em seu projeto de vida”. Chamam atenção para o fato de que, embora se refiram ao futuro, é no presente que os projetos de vida são construídos e constituídos, estando eles relacionados à construção da identidade, processo contínuo, fruto de sua pertinência a um grupo social em que concretiza as relações de produção de si mesmo e da realidade na qual se insere. Nesse sentido, as expectativas de futuro contêm as possibilidades criadas em tais relações (BOCK; LIEBESNY, 2007)

Gracioli (2009.p.6) cita “Pensar o futuro traz consigo o projeto de avançar, que precisa ser formulado e concretizado em ações. Desse modo, o desejo, a esperança e a expectativa com relação ao futuro materializar-se-ão a cada momento”.

Certamente, o futuro não se pode prever. Ninguém sabe com total clareza ou certeza o que irá acontecer no futuro. Entretanto, a imprevisibilidade do futuro não significa que os jovens, e mesmo os adultos, não precisem se preocupar com ele. É preciso preparar-se para navegar no mar turbulento das crises e incertezas. Percorrer caminhos nem sempre lineares e transparentes, mas, às vezes, tortuosos e sombrios. Isso significa, para o jovem, lançar um olhar mais abrangente com relação ao futuro. (GRACIOLI, 2009.p.6).

O cotidiano do jovem deixa de ser meramente vivido, a perspectiva do vir-a-ser nega o presente como espaço de formação dificultando enxergar o jovem como sujeito de direito, pois a preocupação com o futuro passa a ser tão forte que se deixa de viver intensamente o presente. Na visão da sociedade capitalista, são constantemente impulsionados a sacrificar o presente para preparar-se para as exigências do tempo vindouro, investimento pessoal para amenizar as incertezas do tempo futuro (ZARIFIAN, 2012)

3.1 CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DA CONDUTA AUTOLESIVA NA ADOLESCÊNCIA

Na literatura, durante muito tempo, a autolesão foi estritamente relacionada ao suicídio e aos comportamentos suicidas. Nos últimos anos a autolesão tem se evidenciado no campo científico. Antes, apenas considerada como uma característica de determinados transtornos de personalidade, outras patologias, ou relacionado a suicídio, hoje, devido a sua prevalência, em contexto mundial, passou a ser tratada como uma patologia a parte, apresentada assim pela mais recente versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V da American Psychiatric Association - APA Associação Americana de Psiquiatria (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013).

Segundo o DSM-V (2014), a autolesão se dá com a finalidade de reduzir emoções negativas como, tensão, tristeza, decepção, frustração, raiva, ansiedade, autocensura, ou tentativa de resolução de uma dificuldade interpessoal, chamar atenção de alguma pessoa significativa, necessidade de autopunição, entre outros.

Vários são os termos utilizados como sinônimos de conduta autolesiva como. Comportamento sem intenção suicida, mas envolvendo atos autolesivos intencionais, como, por exemplo:

Corta-se ou saltar de um local relativamente elevado, ingerir fármacos em doses superiores às posologias terapêuticas reconhecidas, ingerir uma droga ilícita ou substâncias psicoativas com propósito declaradamente autoagressivo, ingerir uma substância ou objeto não ingeríveis, tipo lixívia, detergentes, lâminas ou pregos (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013.p.5).

O comportamento de autolesão refere-se à prática de causar danos ao próprio corpo. Sendo comum nesta conduta o uso de materiais cortantes como lâminas, facas, cacos de vidros ou espelhos para fazer cortes na pele, geralmente nos pulsos, braços e coxas, queimar-se, bater-se, atritar objetos contra a pele, impedir cicatrização de ferimentos e derramar materiais corrosivos sobre a pele, todas essas ações de tal forma que ocorra o surgimento de um ferimento (ARCOVERDE, 2013).

A autolesão se refere a um conjunto de comportamentos que resultam em dano intencional ao indivíduo, com o conhecimento de que podem ou vão trazer algum grau de injúria física ou psicológica. “Autolesão é definida como um ferimento ou lesão que um indivíduo faz a si mesmo” (PRIBERAM, 2019).

Os Comportamentos autolesivos configura-se por comportamentos nos quais encontra-se há intenção de provocar lesão a si mesmo, seja ele em qualquer grau de severidade, que acontecem com objetivo de regulação afetiva ou sinalização social e se classificam em suicidas ou não suicidas, de acordo com a intenção de letalidade do comportamento (SANTOS; FARO, 2018).

Esse comportamento pode ocorrer de duas formas: em rituais religiosos ou culturais ou de forma patológica. A autolesão em contexto cultural religioso tem finalidade de refletir uma tradição de determinada cultura (marcar posições sociais, expressões de espiritualidade); são passageiras e tem importância sociocultural, sendo comum tal comportamento frente aquela determinada cultura (ALMEIDA; HORTA, 2010.p.8).

A primeira ocorrência do comportamento autolesivo é acidental ou impulsivo a pessoa sente raiva, medo ou ansiedade de forma tão esmagadora que não sabe como expressá-los. A conduta autolesiva atua promovendo um senso momentâneo de alívio, às vezes seguido de vergonha e culpa, até que fortes sentimentos surgem de novo fazendo com que a pessoa se sinta emocionalmente sobrecarregada, levando-a a procurar alívio novamente em comportamentos autolesivos, que podem aumentar em frequência e grau (PARKS *apud* SANTOS; FARO, 2018). O comportamento de autolesão de vivência patológica evidencia fundo afetivo-emocional, onde o sujeito emite tal ação a fim de aliviar uma profunda dor emocional, através de danos a seu próprio corpo (YAMADA, 2014)

A fase da adolescência é classificada como um período de vulnerabilidade, podendo sobressair na tomada de comportamentos de risco, sendo estes, atividades que possam comprometer a saúde física, cognitiva e psicológica do indivíduo. Comumente a autolesão tem seu início na adolescência, podendo continuar por muitos anos, tendo sua maior incidência entre adolescentes e jovens adultos (NOCK, 2010 *apud* ROCHA, 2015).

A adolescência é vista como um período de alterações físicas e psicossociais que são fortemente influenciadas pelas interações do adolescente, seja com outros ou com diferentes contextos e situações essas mudanças requerem um nível de adaptação que muitas vezes o adolescente não possui, tornando-o vulnerável a se engajar em comportamentos de risco , o jovem pode engajar-se em comportamentos agressivos, impulsivos ou mesmo suicidas, como os comportamentos autolesivos. (JORGE; QUEIRÓS; SARAIVA, 2015).

3.2 FATORES ASSOCIADOS À CONDUTA AUTOLESIVA NA ADOLESCÊNCIA

Pode-se estar envolvido como o ato de se lesionar, os fatores ambientais, os eventos de vida e situações relacionadas à familiares e aos amigos no qual exercem um papel significativo no desenvolvimento do adolescente (SANTOS; FARO, 2018). “A autolesão deliberada em jovens é geralmente desencadeada por problemas e ou condições de vida estressantes, tais como: conflitos familiares e discussões com pais, rejeição por um namorado ou namorada, e problemas escolares como o bullying” (HARRINGTON *apud* SANTOS; FARO, 2018. p.8).

Segundo Borges (2012), em uma análise de autores, fez um levantamento de algumas hipóteses que podem desencadear possíveis funções atreladas ao comportamento de autolesão sendo essas: hipótese da aprendizagem social, hipótese da autopunição, hipótese de anti-dissociação, hipótese de anti-suicídio, hipótese de sinalização social e hipótese pragmática.

A hipótese da aprendizagem social, trata-se de um comportamento aprendido socialmente, através da influência dos pares (pais, irmãos, amigos, etc.), comunicação social, filmes, músicas, internet, sendo muitas vezes até a divulgação do comportamento com boas intenções sendo interpretada de uma maneira errônea, principalmente na adolescência. *Hipótese da autopunição* é o comportamento como meio de regulação afetiva cognitiva através da autopunição, ligadas à: sentimento de ódio por si próprio e sentimento de desvalorização. *Hipótese de anti-dissociação* é utilizado como forma de interromper um estado dissociativo, onde nada é sentido, encontrando na dor física a possibilidade de “sentir algo”, ajudando a sentir-se íntegro. *Hipótese de anti-suicídio*, pode-se encarar como uma forma ou tentativa de resistir ao suicídio através da autolesão. *Hipótese de sinalização social* é utilizada como meio de comunicação quando as demais falharam (gritar, falar, escrever). Trata-se de uma comunicação limitada e prejudicial, porém que encontra eficiência ao despertar as respostas que não foram alcançadas por outros meios. *Hipótese pragmática*, o comportamento é visto como a maneira mais fácil, acessível e rápida para alcançar o que se deseja, exigindo menos força, tempo e elaboração que outros comportamentos para a mesma finalidade exigiriam (BORGES, 2012.p.10).

Para Brown et al. (2017), as mídias sociais caracterizam-se como um meio de relação e interação social para os adolescentes e a imagens e a comunicação sobre a autolesão não-suicida podem ser identificadas com frequência na internet, como por exemplo no “Instagram” uma rede social, onde esses jovens frequentam com assiduidade. “Em uma pesquisa, tais autores identificaram que imagens de autolesão são postadas frequentemente no Instagram, mostrando ferimentos como cortes nos braços ou pernas, que indicam lesões leves ou moderadas” (BROWN *et al*, 2017.p.341). Além disso, é notório o quanto os comentários e compartilhamentos

podem ser um reforço social para esse ato e que deve ser indispensável que essas mídias sociais tomem medidas de prevenção sobre o que afirmam ser um contágio social on-line e algum tipo de psicoeducação para esses jovens. (SANTANA, 2019).

Assim como as redes sociais podem influenciar, a cognição, experiências individuais afetivas sinalizam a ocorrência da autolesão quando esta é realizada com o intuito de atenuar uma experiência de afeto negativo. Emoções primárias típicas do contexto de comportamento autolesivos são raiva (dirigida a outro ou a si mesmo), ansiedade, estresse, tristeza, frustração, culpa, vergonha, nojo, sentimento de vazio, desesperança e solidão, algumas destas podendo tanto proceder como acompanhar a autolesão (COMPLETO, 2014).

Em muitos casos a autolesão poderá representar uma tentativa desesperada de cura, de estabilidade social e, em outras situações, de espiritualidade como também poderá ser entendida como uma forma mórbida de autoajuda, já que fornece um alívio temporário (BORGES, 2012). Nesse sentido, Otto e Santos (2015) indicam que enquanto alguns sintomas são característicos de uma determinada patologia, a autolesão se configura como um sintoma que se adapta a diferentes demandas, podendo estar presente em casos de estados depressivos, crises de ansiedade, transtorno de personalidade “borderline”, momentos de impulsividade, agressividade, e em períodos de isolamento social e de desesperança.

3.3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA NAS CONDUTAS AUTOLESIVAS

O entendimento da atitude autolesiva oportuniza aos profissionais atraídos por essa questão, “o conhecimento de informações e de dados imprescindíveis para o entendimento deste fenômeno e do que lhe é associado” (BORGES, 2012.p.23). A conduta autolesiva mostra-se com assiduidade na realidade clínica e, faz-se necessário, reflexionar sobre estas práticas com um olhar renovado. “Os profissionais que lidam com os adolescentes e sua saúde mental enfrentam a ansiedade de encontrar soluções, auxiliar na manutenção da qualidade de vida dos pacientes” (AZEVEDO, 2020. p.19).

Não existe um teste ou um método diagnóstico que venha identificar a autolesão e não existe um tratamento específico para tal conduta. Embasa-se nas necessidades individuais de cada paciente usualmente envolvendo acompanhamento em psicoterapia (SANTOS; FARO, 2018).

O acompanhamento terapêutico de casos graves tem como objetivo conhecer a fonte de sofrimento, a função e a manutenção do comportamento autolesivo e ajudar o adolescente a desenvolver estratégias de enfrentamento mais apropriadas (LIEBERMAN; NOCK & PRINSTEIN *apud* SANTANA, 2019.p.130).

No período da adolescência o jovem encontra-se na temporada educacional. Em relação a prevenção, dentro das formas de atuação do psicólogo, está “a psicologia Escolar/Educacional, é a área que interliga Psicologia e Educação, a qual tem crescido consideravelmente no Brasil, apresentando várias formas de atuação” (ALMEIDA *et al* 2018.p.154).

Segundo Almeida et al. (2018) o psicólogo no uso de suas atribuições será capaz de juntamente com a escola, utilizar meios educativos com natureza preventiva. “O psicólogo diante de situações de autolesão pode auxiliar a escola a se contextualizar, ou seja, a considerar toda a complexidade existente, na medida em que se faz necessário estar atentos às mudanças que ocorrem dentro do contexto” (SANTANA, 2019. p.129).

Considerando que o psicólogo escolar “precisa ter condições de analisar as situações socioeducativas, articulá-las e conjugá-las, utilizando modelos de inteligibilidade das práticas educativas que distingam olhares centrados no indivíduo” (FREITAS; SOUZA, 2017. p.170).

Logo, nesse sentido poderia ser feita uma psicoeducação/ intervenção sobre a autolesão. Segundo Almeida (2018, p.154)

Objetivo poderia ser, por exemplo, sensibilizar os adolescentes praticantes ou não desse comportamento para que procurem uma forma mais assertiva de expressar seus conflitos interiores. No intuito de atingir esse objetivo, a intervenção poderia ser uma palestra, abordando, dentre outras coisas, a importância da construção da identidade na adolescência, com base na teoria de Erik Erikson.

Segundo Erik Erikson, quando os indivíduos adentram nessa fase eles terão que enfrentar e resolver uma crise de identidade básica do ego, e, caso a resolução dessa crise ocorra de forma satisfatória, o resultado será um quadro consciente e congruente (SCHULTZ; SCHULTZ, 2013.p.188).

Nota-se que as possibilidades de ação do psicólogo diante do problema da autolesão na adolescência são diversificadas e que os acompanhamentos terapêuticos em casos graves têm como propósito conhecer a fonte do sofrimento, a função e a manutenção do comportamento autolesivo e ajudar o adolescente a desenvolver estratégias de enfrentamento mais apropriadas (LOPES, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conduta autolesiva é considerada um comportamento de alto risco, podendo levar ou não ao suicídio. A autolesão é decorrente de implicações físicas, psicológicas e sociais para o indivíduo que a pratica. Numerosos são os adolescentes que apresentam esse tipo de comportamento, buscando respostas para as suas perguntas, conflitos e perspectivas. Nos últimos anos a autolesão não suicida tem crescido em meio aos adolescentes, a sua prevalência e súbito aumento trazem grande preocupação em mundialmente.

A autolesão não suicida é definida como comportamento repetido do próprio indivíduo de infligir lesões superficiais, embora dolorosas, à superfície do seu corpo. Esse comportamento tenciona expor emoções negativas, tais como tensão, ansiedade e autocensura.

A crescente ocorrência de comportamento autolesivo entre adolescentes nos últimos tempos, aludida pelos jovens como refúgio e na busca da tentativa de regular as emoções e de tentar controlar situações externas. Evidenciou-se como fator importante frente a esses casos, um meio de identificação e interversão. São vários os fatores que foram associados à autolesão em adolescentes, dentre eles a perspectiva de futuro, questionamentos sobre “como vai ser meu futuro?”. Cobranças da sociedade e familiares para independência e futuro profissional.

Existe uma relação das perspectivas de futuro com a formação de sintomas de desesperança que resulta na conduta autolesão na adolescência. Nesse sentido, os esforços de intervenção preventiva devem ser, na concentração e na redução dos problemas que impulsiona a ocorrência da autolesão, através de psicoterapias e programas de psicoeducação no meio escolar que poderão ser alvo de estratégias a nível clínico ou preventivo.

Podemos dizer, então, que os principais fatores associados à autolesão na adolescência encontrados na presente investigação, pode está relacionada com o processo de mudanças físicas, psicológicas e sociais. Logo, é de suma importância a intervenção e orientação do profissional psicólogo em conjunto com os profissionais do ambiente escolar, considerando que estes estejam preparados para identificar, avaliar os riscos e promover ações na conexão entre escola, setor de saúde e família.

REFERÊNCIA

ACORVERDE, R. L. **Autolesão e produção de identidades**. 2013. 83 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013. Cap. 3.

AGUIAR, W. M. J; BOCK, A. M. B; OZELLA, S. **Psicologia psicología sócio-histórica sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 32 p.

ALMEIDA, C. M; HORTA, P. **Auto-lesão, auto-mutilação e auto-agressão. A mesma definição?** News@fmul. n. 16. ago./set. 2010. Disponível em: <<http://news.fm.ul.pt/Content.aspx?tabid=65&mid=420&cid=1139>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ALMEIDA, R. S. et all. **À prática da automutilação na adolescência: O olhar da psicologia escolar/ educacional**. Ciências Humanas e Sociais, Alagoas, v. 4, n. 3, p. 147-160, maio 2018.

ALVES, A. M. P; CASSIM, F. T. R. **Sentidos e significados produzidos por adolescentes a respeito da sexualidade: Uma pesquisa Sócio-Histórica**. Educação e Linguagem, Campo Mourão, v. 6, n. 11, p.108-133, 11 dez. 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM V**. NASCIMENTO. M. I. C. et al. [trad.]. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AZEVEDO, A. E. B. I. **Autolesão na adolescência: como avaliar e tratar**. Departamento Científico de Adolescência, Recife, 2020. Disponível em: <http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/48.%20Autoles%C3%A3o%20na%20adolesc%C3%Aancia%20como%20avaliar%20e%20tratar.pdf>. Acesso em: 16 abril. 2020.

BARBOSA, E. T; SOUZA, V. L. T. **Sentidos do Respeito para Alunos: uma Análise na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural**. Psicologia: ciência e profissão, Campinas, v. 35, n. 2, p.255-270, ago. 2015.

BARONCELLI, L. **Adolescência: Fenômeno Singular e de Campo**. Abordagem Gestáltica, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.188-196, dez. 2012.

BOCK, A. M. B. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores: Adolescência como uma construção social**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 11, n. 1, p.63-76, 2007.

BOCK, A. M. B; LIEBESNY, B. **Adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educador**. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo v.11, n .1, p. 63-76, 2017.

BORGES, C. N. L. O. **A Flor da pele: algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão**. Dissertação Mestrado. Instituto Universitário de Psicologia

Aplicada. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2282/1/14892.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL, **Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente**. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 05 nov. 2019.

BROWN, R. C. et all. **Cutting: Non-suicidal self-injury (NSSI) on Instagram. Psychological Medicine**. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0033291717001751> Acesso em: 09 nov. 2019.

CARVALHO, Mauro. **A construção das identidades no espaço escolar**. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p.209-227, jun. 2012.

CHAVES, G. **Adolescência e Autolesão: Psicodiagnóstico como proposta de compreensão e intervenção a partir de um caso clínico**. 2018. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

COMPLETO, J. M. P. S. **A influência das funções intrapessoais e interpessoais no auto injúria não suicida e na ideação suicida** (Dissertação de mestrado). ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal, 2014.

CRESTANI, A. I. **Adolescência: tentando compreender o que é difícil entender**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. 200 p.

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Adolescência & Saúde. Rio de Janeiro, vol. 2, n .2, junho 2005.

ERIKSON, E.H. **Infância e sociedade: Idade, juventude e crise**, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERREIRA, A. B.H. **Dicionário Eletrônico Básico da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica disponibilizada por Positivo Informática. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/perspectiva/> Acesso em: 15 nov. 2019.

FONSECA, D. C; OZELLA, S. **As concepções de adolescência construídas por profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF)**. Interfase - Comunicação Saúde Educação, São Paulo, v. 14, n. 33, p.411-424, 24 jun. 2010.

FREITAS, E. Q. M; SOUZA, R. **Automutilação na adolescência: prevenção e intervenção em psicologia escolar**. Revista Ciência (in) Cena, Salvador, v. 1, n. 5, p. 158-174, ago. 2017.

GARRETO, A. K. R. **O desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação**. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 206 p.

GIUSTI, J. S. **Automutilação: características clínicas e comparação com paciente com transtorno-obsessivo-compulsivo**. 184 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GRACIOLI, M. M. **Expectativas e projetos de futuro de jovens estudantes do ensino médio**. 2009. Disponível em: <<http://cdsa.academica.org/000-062/1852>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

GRIFFA, M. C; MORENO, J. E. **Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: Adolescência Vida Adulta Velhice**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2015. 188 f.

GUERREIRO, D. F. & SAMPAIO, D. **Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa**. Portuguesa de Saúde Pública, Lisboa, v.31, n.2, p.213-222, 2013.

JORGE, J. C.; QUEIRÓS, O.; SARAIVA, J. **Descodificação dos comportamentos autolesivos sem intensão suicida-** Estudo qualitativo das funções e significados na adolescência. *Análise Psicológica*. v. 33, n. 2. 2015. Disponível em: <http://www.scielomec.pt/scielo.php?pid=S087082312015000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 11. nov. 2019.

LIESBESNY, B. **Análise pelo projeto de futuro - pelo jovem - como modo de apropriação de significados e produção de sentidos**. 2008. 90 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOPES, L. **A escola como cenário de narrativas da adolescência: escuta analítica de adolescentes que praticam automutilação**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2017. Brasil. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5312839

OLIVEIRA, I. C. V.; SALDANHA, A. W. **Estudo comparativo sobre a perspectiva de futuro dos estudantes de escolas públicas e privadas**. In: Paideia, v.20, n.45, p.47-55, jan.abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n45/a07v20n45.pdf>. Acesso em: nov.2019.

OLIVEIRA, M. C. S. L.; PINTO, R. G.; SOUZA, A.S. **Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta**. *Temas em Psicologia da SBP*. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p.16-27, out. 2003.

OLIVEIRA, M. R. **Estudos sobre Adolescência e os conflitos sociofamiliares**. O Portal dos Psicólogos: Psicologia Pt, Salvador, p.3-7, 26 ago. 2018. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1227.pdf> Acesso em: 06 nov. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do suicídio um recurso para conselheiros**. Um Recurso Para Conselheiros. 2016. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014**. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 2014. 275 p

OTTO, S. C.; SANTOS, K A. **O Discurso Sobre A Autolesão Feminina No Tumblr**. Psicanálise e Barroco em Revista. Paraná, v. 13, n. 1, p. 29-56, 2015.

PAPALIA, E. D; OLDS, W.S; FELDMAN, D. R. **Desenvolvimento Humano**. 8. Ed. São Paulo. Artmed. 2006.

PRIBERAM, Dicionário. **Significado/definição de autolesão**. Disponível em: <<http://dicionario.priberam.pt/autoles%C3%A3o>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ROCHA, G. M. A. **Condutas autolesivas: uma leitura pela Teoria do Apego**. Revista Brasileira de Psicologia, Salvador, v. 2, v. 1, Jan./Jun., 2015. Disponível em: <[http:// revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Rocha-2015-Condutas-autolesivas-uma-leitura-pelaTeoria-do-Apego.pdf](http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Rocha-2015-Condutas-autolesivas-uma-leitura-pelaTeoria-do-Apego.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 22, n. 1, p.33-41, mar. 2005.

SANTANA, I. M. **Autolesão não Suicida na Adolescência e a Atuação do Psicólogo Escolar: Uma Revisão Narrativa**. Revista de Psicologia da Imed, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 120-138, fev. 2019.

SANTOS, L. C. S; FARO, A. **Aspectos conceituais da conduta autolesiva: Uma revisão teórica**. Psicologia e Pesquisa, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p.1-10, abr. 2018.

SCHULTZ, D.P.; SCHULTZ, S.E. **Teorias da personalidade**. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p.180-204.

SIFUENTES, T. R; DESSEN, M. A; OLIVEIRA, M. C. S. L. **Desenvolvimento Humano: Desafios para a Compreensão das Trajetórias Probabilísticas**. 2007. 23 v. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Psicologia: Teoria e Pesquisa, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Cap. 4.

SILVA, A. C; BOTTI, N. C. L. **Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura**. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Divinópolis, v. 1, n. 18, p.67-77, dez. 2017. Mensal.

SILVA, A. F. M; SIQUEIRA, C. A. **O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura – RO**. Revista FAROL, Rolim de Moura, v. 3, n. 3, p. 5-20, mar.2017.

SILVA, E. **Perspectivas de Futuro de Adolescentes em Situação de Acolhimento Institucional: uma visão histórico-cultural**. 08. 147 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

YAMADA, C. M. L. C. **A automutilação como dependência**. Portal da Educação, 2014. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/57574/automutilacao-como-dependencia#12>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ZAPPE, J. G. et al. **Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos**. Acta Colombiana de Psicologia, Porto Alegre. v. 16, n. 1, p.91-100, maio 2013.

ZARIFIAN, P. **O tempo do trabalho o tempo-devir frente ao tempo especializado**. Tempo Social, São Paulo, v. 14, n. 2, p.1-18, out. 2012.